

## SANTIAGO, Silviano. *Grafias de vida – a morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. 334p.

Rodrigo Felipe Veloso

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) | Montes Claros | MG | BR  
rodrigof\_veloso@yahoo.com.br  
<https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>

### Da sombra à luz: caminhos de escrita e vida

Silviano Santiago transita entre a teoria e a ficção, há mais de meio século, tendo um trabalho singular e dissonante. Nos ensaios reunidos em *Grafias de vida – a morte*, o leitor encontrará substancialmente algumas obras da produção nos últimos anos do escritor que, nasceu em Formiga (MG) em 1936 e, em 2021, tornou-se integrante da Academia Mineira de Letras. Silviano Santiago também foi vencedor do Prêmio Camões de 2022.

*Grafias de vida – a morte*, livro mais recente de Silviano Santiago (2023), assim como o título mostra-se um paradoxo da inscrição da morte na experiência da vida, ilustrado por meio da metáfora da penca de bananas que estão “morrendo” na fruteira e, posteriormente, serão atiradas ao lixo e, ao mesmo tempo, podem alimentar alguém faminto. O autor sente por meio do envelhecimento a possibilidade de metamorfose e transformação da morte ao perceber que tudo pode viver, sobretudo, revelado pelo “excesso inesperado de tempo”. Isso porque “a sobrevivência é uma fase da vida cuja experiência é difícil de ser aquilatada em toda a sua extensão” (Santiago, 2023, p. 07).

Essa experiência, segundo Silviano Santiago é que permite a leitura dessas grafias de vida, isto é, o resgate de um tempo atual da vida sociocultural visando contemplar o sentimento do mundo e o sentimento da vida, a decadência e a elegância. Essa argumentação do estilo tardio remonta acreditar na alegria e dor, no prazer e no desencanto, sem levantar valores antitéticos entre eles, pois a prerrogativa é considerar a subjetividade de quem os escreve em suas composições artísticas.

No ato de performar um experimento literário, Silviano Santiago menciona diversos escritores brasileiros e estrangeiros que em comunhão entre corpo e mãos estão articuladas de tal maneira que consubstancia um envolvimento emotivo, corpóreo e mental. Carlos Drummond de Andrade é um exemplo do poeta que “desenha com as mãos” o instante como nostalgia dos cosmos, visto que está em sintonia com a idiosincrasia do eu que observa atento as coisas ao redor e materializa por meio da escrita esse aspecto subjetivo.

O ato de desenhar com o dedo data do período da ditadura militar iniciada em 1964 e a artista Lygia Clark cria em seu trabalho uma almofada transparente repleta de água e a participação do espectador é válida nesse sentido, pois cria instantaneamente a forma com a qual identifica nesse contexto social e, sobretudo, essa experiência retoma a arte de Lygia



Clark pelas novas ideologias políticas que ela espriava de maneira sublime particularmente pelas dissidências que restringiam a liberdade do artista e do espectador.

Antonio Candido (2006) em *Literatura e sociedade* reitera a posição social do artista que se deve ao aspecto da estrutura da sociedade. Para tanto, o aparecimento individual do artista na sociedade como posição e papel configurados instaura diferentes condições e grupos de intelectuais que permeiam esse lugar social estratificado.

E é nesse caminho de espriar-se entre textos diversificados, de autores vários e na elaboração de um cenário específico, bem como por sua grafia de vida que Silviano Santiago discorre sobre a origem de seu livro *Menino sem passado* (2021), revelando assim, “uma prosa autobiográfica de intenção memorialista” (Santiago, 2023, p. 121). Enquanto livro de memórias revela-se como uma literatura experimental estimulada por reverberações fragmentadas do autor e, por sua vez, tal prosa representa a busca pela forma que o consagre coerente e de estruturação textual.

A memória constituída como um dos modos do pensamento, embora dos mais fundamentais, se mostra, contudo, impotente, segundo Hannah Arendt (1979). Isso acontece porque nossa mente fora de um quadro de referência preestabelecido não é capaz de reter algo inteiramente desconexo, a mente do homem vagueia imersa na escuridão e lançar a luz sobre as trevas ratifica nossa herança sem testamento.

*Grafias de vida – a morte* traz em sua concepção iniciática uma indagação do cânone literário e, sobretudo da problemática em aglutinar toda a literatura nacional numa só tradição. Santiago defende a posição de diferença nos modos de pensar e construir as produções literárias, sem as aprisionar somente na unidade histórico-cultural e, neste sentido, ressaltar alguns exemplos de intransigência dessa classificação, como é o caso do escritor Machado de Assis, Guimarães Rosa e Sôsa Andrade, haja vista que tais autores revelaram questões destinadas à instituição social sem enfatizar a condição nacionalista convencional.

Três ensaios de *Grafias de vida – a morte* tratam, particularmente, da obra de Mário de Andrade. Em “Viagem pelas viagens de Mário de Andrade”, Silviano Santiago inicia a discussão acerca de *Paulicéia desvairada* demonstrando traços geográficos e históricos paulistas que se assentam no poeta enquanto estágio de vida. “O estilo simbolista, europeizado, cristão e sublime de Mário de Andrade pelo estilo modernista inevitável na São Paulo futurista, de versos livres e vocabulário coloquial” (Santiago, 2023, p. 230).

O poeta paulista Mário de Andrade se consagra como *performer*, afirma Silviano Santiago, porque, por efeito, passa de observador a ator, de “sambeiro” a sambista. O poeta performa vidas de outrens enigmáticas e inquietas. Em suma, todas as vidas performadas são suas ainda que, por pouco tempo.

Noutros ensaios como “Minha Londres das neblinas finas” e “Narciso acha feio o que não é espelho” retratam ainda a obra *Paulicéia desvairada*, uma vez que a modernização da cidade de São Paulo e de Mário de Andrade está alinhada e de maneira comparada, a partir de suas viagens que implica embates geográficos, históricos e torna o leitor um coautor. Desse modo, Mário de Andrade demonstra, nessa obra, sua ambição de ser poeta e toda singularidade, metamorfose criativa e imaginativa, pois “a grafia de vida e a composição do poema performam atos não conclusivos. [...] o ato não conclusivo significa o grande desprezo pela repetição” (Santiago, 2023, p. 287).

Sentimento último de quem escreve a *Grafias de vida – a morte* intenta-se nessa jornada ascendente a reflexão de que:

Na velhice, *compete* a mim – e não aos historiadores e cientistas sociais – acusar o recebimento de uma herança inesperada e redigir meu *testamento* de vida. Responsabilizo-me por uma infância em escrita experimental, a servir talvez de fundamento lógico para outra parábola de vocabulário abstrato [...]. (Santiago, 2023, p. 135).

Portanto, a obra singular de Silviano Santiago indica a multiplicidade da perspectiva artística, o que traduz num ritual que define uma passagem a outra, da realidade a imaginação, da alegria a dor, da vida a morte.

## Considerações finais

Por fim, a jornada de vida artística e literária retratada em *Grafias de vida – a morte* consagra diversas linhas de análises e métodos e uma performance experimental e substancial num tempo outro que permitiu Silviano Santiago a leitura e grafias de vida, vida esta, inestimável e que preza por uma relação coexistente com os estudos culturais contemporâneos e a discussão contemplativa da tradição enquanto diálogo de textos formadores. Sendo assim, o “entre-lugar” do discurso de Silviano Santiago opera em diversas frentes e o sentido produzido por meio da escrita inscreve toda legitimidade de um trabalho indomável e dissonante.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- SANTIAGO, Silviano. *Carlos Drummond de Andrade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SANTIAGO, Silviano. *Grafias de vida – a morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.